

## **OS MEDOS NA 2ª INFÂNCIA CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DO EDUCADOR DE INFÂNCIA**

**Belinda Ferreira**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém  
belindafelicidadeferreira@gmail.com

**Patrícia Borges**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém  
patriciaborges@gmail.com

**Sónia Raquel Seixas**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém  
sonia.seixas@ese.ipsantarem.pt

### **Resumo**

O presente artigo apresenta os resultados no âmbito de uma investigação realizada sobre as Concepções e Práticas do Educador de Infância perante os medos na 2ª Infância. Pretende-se, a partir deste estudo, conhecer os medos mais frequentemente identificados nas crianças de Jardim de Infância e, conseqüentemente, de que forma os educadores abordam estas questões com as mesmas.

Este estudo, de carácter descritivo, baseou-se numa amostra de 50 crianças e de 6 educadores, provenientes de vários Jardins de Infância da cidade de Santarém e periferia. O estudo foi desenvolvido em duas fases: numa primeira fase, foram entrevistadas as crianças, tendo-se procurado identificar os seus medos mais frequentes. Numa segunda fase, foram entrevistados os educadores, sendo aplicada uma entrevista semi-directiva, com o objectivo de conhecer e identificar as suas concepções e estratégias desenvolvidas pelos mesmos face a situações em que as crianças revelam alguma forma de medo.

Como principais resultados podemos constatar que os medos mais frequentes nas crianças em idade pré-escolar são o medo de animais e de personagens imaginárias da literatura infantil. Os educadores referem ainda, para além destes medos, o medo do desconhecido e de situações novas. Ambas as amostras mencionam também o medo do escuro. No que se refere às concepções dos



educadores perante os medos na 2ª infância foi possível constatar que o medo é entendido como um elemento natural do desenvolvimento da criança. Quanto às práticas desenvolvidas neste âmbito, os educadores recorrem, maioritariamente, a estratégias apoiadas na expressão oral, com recurso a suportes escritos, pedagogicamente adequados à individualidade de cada criança.

**Palavras-Chave:** Medos; Infância; Práticas do educador de infância.

### **Abstract**

This article presents the results of a research on the conceptions and practices of the Kindergarten teacher, about the childhood fears. The aim was to identify the most common fears among children of Kindergarten, and consequently, how the educators address these issues with them.

This study was based on a sample of children and educators from 4 Kindergartener in the city of Santarém. The study was conducted in two stages: initially the children were interviewed, so that we could identify their most common fears and on a second phase, the educators were interviewed using a semi-directive interview to know their conceptions and strategies used when they face situations of fear from their children.

The main results show that the most common fears among children of pre-school age are fear of animals and of imaginary characters from children's literature. Teachers also relate, in addition to these fears, the fear of the unknown and of new situations. Both samples also mention the fear of the dark. Regarding the teachers' conceptions, they understand fear as a natural part of child development. As for the practices undertaken in this domain, educators resort, mostly, the strategies supported by discussion, using written materials such as books or childhood literature, pedagogically appropriate to the individuality of each child.

**Keywords:** Fear; Childhood; Kindergarten teacher practices.

### **Introdução**

Existem razões que justificam as nossas investigações como profissionais na



área da educação, isto porque podemos criar meios para enfrentar os problemas emergentes dessa mesma prática, contribuindo para a construção de um património de cultura e conhecimento dos educadores como grupo profissional (Ponte, 2002). Deste modo, o presente estudo visa um melhor conhecimento no âmbito das concepções e práticas do Educador de Infância face aos medos, procurando de igual modo conhecer os medos mais frequentes entre crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

Sartre, citado por Béatrice Copper-Royer (2007) afirma que todos os homens têm medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal. Certamente, todas as pessoas já experimentaram sentimentos de medo e ansiedade, com maior ou menor intensidade, e em diferentes circunstâncias. Desde os primeiros anos de vida que as crianças são, em geral, perturbadas por alguns medos. As crianças têm uma natureza singular, que as caracteriza como seres que interpretam o mundo de uma forma muito própria. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as envolve, esforçam-se para compreender o mundo em que vivem, atribuindo sentido às relações que presenciam e é, maioritariamente, através das suas manifestações simbólicas que reflectem a realidade em que se inserem, bem como os seus medos, anseios e desejos.

A pertinência e o interesse deste estudo resultam da vivência e conhecimento de várias circunstâncias em que, intuitivamente, pais e educadores se vão apercebendo dos vários medos das crianças e das suas diferentes manifestações. O universo infantil é repleto de monstros, fantasmas, bichos imaginários e situações reais de medo como de animais, do mar, do escuro, entre outros. Na nossa opinião, são situações que devem ser pensadas de uma forma pedagógica, no sentido de procurarmos formas de ajudar a criança a ultrapassar os seus medos, ou identificar atitudes que o educador deve adoptar quando confrontado com os medos das suas crianças, percebendo até que ponto se encontram preparados para a apoiar, ou ajudar a ultrapassá-los.

Neste sentido, formulámos como principais objectivos para este estudo: a identificação dos medos mais frequentes nas crianças em Jardim de Infância; a caracterização das concepções dos educadores sobre o conceito medo; a identificação dos medos mais frequentemente observados pelos educadores nas suas crianças; e a recolha de práticas e estratégias de acção aplicadas pelos educadores face a situações de medo manifestadas pelas crianças no Jardim de Infância.



## **Discutindo as Emoções: Perspectivas de Diferentes Áreas do Conhecimento**

Não podemos falar do conceito de medo sem ter em conta a temática da emoção como parte integrante do desenvolvimento humano que, devido à sua complexidade tem-se assumido como alvo de estudo científico e interesse humano, em diferentes áreas do saber.

A emoção apresenta-se à consciência como um fenómeno imediato e concreto que carrega o seu próprio sentido sem que o tenhamos solicitado (Ades, 1993). Entre os vários ramos de saber que se têm debruçado sobre o seu estudo, destacamos as Ciências Sociais, as Ciências da Vida e outros domínios no âmbito das Neurociências.

A Filosofia entende a emoção como elemento fundamental no desenrolar da vida humana, assim como um mecanismo de construção de conhecimento (Solomon, 2004; Strongman, 1996).

A Antropologia, por outro lado, tem-se ocupado preferencialmente pelo estudo da ligação entre as emoções e a dimensão cultural das sociedades. A História tem desenvolvido esforços no sentido de descrever o curso do interesse pelas emoções, enquanto a Sociologia se tem preocupado em perceber a relação entre o funcionamento emocional e a pertença a grupos sociais (Kemper, 2004).

Na área das Ciências da Vida, o papel básico e adaptativo das emoções no desenvolvimento humano há muito que é realçado, tendo sido mesmo mencionado por Darwin na formulação da sua teoria da evolução das espécies (Oatley & Jenkins, 1996). Também as Neurociências têm demonstrado um interesse crescente pelas emoções e pelos contributos únicos dos sistemas emocionais no funcionamento e comportamento humano, sendo o cérebro reconhecido como centro de comandos fundamental das emoções (Damásio, 2000, 2003).

A Psicologia defende e reconhece a função adaptativa das emoções no desenvolvimento humano, assim como a existência de emoções inatas, às quais são chamadas emoções básicas do ser humano, nomeadamente a alegria, tristeza, raiva e o medo.

Não obstante ter-se atribuído um papel central às emoções no funcionamento psicológico humano, nem sempre a sua definição é clara e consensual, variando consoante a ênfase dada pelo carácter específico das diferentes teorias e áreas do conhecimento (Fridja, 2004).



## **O Medo: Conceito e Funções**

Relativamente ao conceito de medo, este faz parte das emoções básicas do ser humano, nomeadamente as de carácter negativo, sendo um dos mais fortes delineadores da personalidade do ser humano (Ainsworth, 1981). Alguns estudos definem o medo como uma reacção emocional mais ou menos intensa perante um perigo específico real ou imaginário (Morris & Kratochwill, 1983). Segundo Ainsworth (1981), a definição deste conceito remete para a consciência de uma ameaça que pode assumir várias manifestações, nomeadamente reacções ao nível comportamental (gritar, fugir) e biológico interno (aceleração da pulsação) ou externo (tremor, rosto assustado). O seu objectivo e função principal, parece ser o de alertar e proteger a integridade física e psicológica do indivíduo, motivando para este se libertar ou fugir de situações potencialmente perigosas.

Curiosamente, de acordo com um estudo realizado em adultos por Hallowell (1938), foi possível verificar que os nossos medos se alteram consoante a idade, género, classe sócio-económica assim como outras variáveis de natureza individual ou social, sugerindo o autor que as reacções de medo podem ser grandemente influenciadas por variáveis de origem social e cultural.

Assim, tendo em conta os diferentes autores pesquisados, podemos afirmar que o medo é uma emoção básica, que implica uma reacção biológica e psicológica de carácter interno, que apresenta reacções para o exterior, tendo desta forma, não só uma função de protecção como assume também uma vertente social e cultural de acordo com o grupo e ambiente social em que o indivíduo se encontra inserido.

## **O Medo no Desenvolvimento da Criança**

Todas as crianças atravessam períodos de medo, nas diferentes fases do desenvolvimento. Brazelton (2002) refere que: “À medida que tomam consciência dos seus próprios sentimentos agressivos, tornam-se também receosas da agressividade por parte de outras pessoas e situações. Ao mesmo tempo que se sentem evoluir e tornar mais independentes, precisam também de sentir receios que as impeçam de ir demasiado longe” (p.321). Deste modo, o medo além de mecanismo de alerta numa vertente biológica, é também um mecanismo de defesa do organismo, ou seja, um mecanismo de protecção face aos diversos perigos que podem surgir no meio que envolve o sujeito.



Confirmando esta tendência desenvolvimental, Morris e Kratochwill (1983) realizaram um estudo sobre os medos na infância, onde se podem observar alguns dos medos mais comuns consoante as faixas etárias das crianças, assim como outros que se manifestam de forma transversal na grande maioria das idades consideradas (Quadro 1).

<b>Idade</b>	<b>Medos</b>
0-6 Meses	Perda de apoio, barulhos intensos
7-12 Meses	Estranhos, alturas, objectos súbitos, inesperados e vagos
1 Ano	Separação dos pais, higiene, feridas, estranhos
2 Anos	Uma multiplicidade de estímulos, incluindo barulhos intensos (aspiradores, sirenes e alarmes, camiões e trovoadas), animais, quartos escuros, separação dos pais, objectos ou máquinas grandes, mudanças no ambiente pessoal, pares não familiares
3 Anos	Máscaras, escuro, animais, separação dos pais
4 Anos	Separação dos pais, animais, escuro, barulhos (incluindo barulhos nocturnos)
5 Anos	Animais, pessoas “más”, escuro, separação dos pais, ofensas físicas
6 Anos	Seres sobrenaturais (por exemplo fantasmas e bruxas), ofensas corporais, trovões e relâmpagos, escuro, dormir ou ficar sozinho, separação dos pais
7-8 Anos	Seres sobrenaturais, escuro, acontecimentos divulgados pela média (notícias relativas à ameaça de guerra nuclear ou de rapto de crianças), ficar sozinho, ofensas corporais
9-12 Anos	Testes e exames escolares, realização escolar, ofensas corporais, aparência física, trovões e relâmpagos, morte, escuro

Quadro 1 – Os medos na infância (Adaptado de Papalia, Olds e Feldman, 2001).

Concretamente, podemos constatar que, nas idades correspondentes à 2ª infância, os medos predominantes aos 3 anos são as máscaras, o medo do escuro, de animais e o medo da separação dos pais. Aos 4 anos mantém-se o medo da separação dos pais, de animais e do escuro, acrescido do medo de barulhos (incluindo barulhos nocturnos) e aos 5 anos o medo de animais, de pessoas “más”, do escuro, da separação dos pais e das ofensas corporais. Por último, as crianças de 6 anos apresentam os mesmos medos acrescido do medo de seres sobrenaturais (por



exemplo fantasmas e bruxas), de ofensas corporais, de trovões e relâmpagos, do escuro, e de dormir sozinho.

Assim, podemos verificar que existem alguns medos que se mantêm constantes ao longo de toda a 2.<sup>a</sup> infância, designadamente o medo do escuro e a separação dos pais.

### **O Estudo: Procedimentos Metodológicos**

O estudo apresentado no presente artigo tem como principal objectivo descrever os medos referenciados por um grupo de crianças em idade pré-escolar, bem como as concepções e estratégias dos educadores perante situações de medo ocorridas em contexto de Jardim de Infância.

O instrumento de recolha de dados aplicado aos educadores, de acordo com o carácter descritivo e qualitativo do estudo, foi a entrevista semi-directiva. Após a transcrição das entrevistas, estas foram sujeitas a uma análise de conteúdo (Bardin, 1979).

A selecção da amostra foi por conveniência, sendo esta constituída por 50 crianças, dos 3 aos 6 anos de idade, e 6 educadores. As crianças encontram-se distribuídas por 3 Jardins de Infância da Rede Pública e os educadores por 6 Jardins de infância da Rede Pública e privada (especificamente 5 encontram-se a exercer na Rede Pública e 1 na Rede Privada), todos eles situados na cidade e periferia de Santarém. Quanto à localização das instituições em que exercem a sua prática, 3 inserem-se na cidade de Santarém e 3 na periferia.

Numa primeira fase do estudo, foi realizada às crianças uma pequena entrevista na qual elas responderam livremente à questão que lhes foi colocada: “Do que é que tens medo?”. Tratou-se de uma abordagem simples mediada por uma conversa sobre a criança (a sua idade, o que mais gosta de fazer) no sentido de a colocarmos à vontade e de recolhermos o maior número de respostas possível.

Relativamente à entrevista realizada aos educadores de infância, a mesma foi aplicada, após o fornecimento de algumas informações referentes à natureza e objectivos da investigação, de acordo com guião que incluía um conjunto de questões, divididas em quatro grandes blocos (excluindo as informações iniciais e os agradecimentos finais). O primeiro bloco incluiu questões relacionadas com o conceito de medo. O segundo bloco questionou sobre quais os medos mais observados pelo



educador em contexto educativo. O terceiro bloco procurou efectuar uma recolha no âmbito das práticas e estratégias de acção face a situações de medo manifestadas em contexto de Jardim de Infância. O quarto bloco procurou recolher opiniões livres/não orientadas sobre o tema em questão.

### Apresentação e Discussão dos Resultados

Quanto aos resultados obtidos através da amostra das crianças, foi possível verificar que o medo mais referenciado pelas crianças é o medo de animais (aranhas, cobras, “bichos maus”) seguido pelo medo do imaginário decorrente de personagens de contos e histórias como por exemplo o “lobo mau”, monstros e os fantasmas (Gráfico 1).

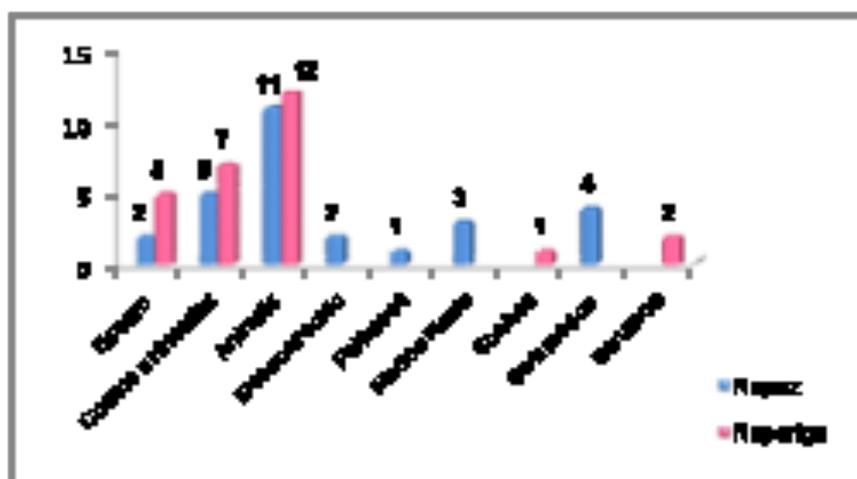


Gráfico 1 – Medos referidos pelas crianças inquiridas.

Estes resultados parecem encontrar-se em consonância com o estudo de Morris e Kratochwill (1983), uma vez que todas as categorias que surgiram no discurso das crianças da nossa amostra se encontram igualmente presentes no trabalho destes autores (Gráfico 1), à excepção da categoria “sem medo” (referida apenas por uma criança).

De modo semelhante, no que se refere aos medos mais observados pelos educadores em contexto Jardim de Infância podemos confirmar essa mesma concordância (Gráfico 2), ainda que a ênfase colocada nalgumas categorias seja diferente quando comparado ao grupo das crianças. De notar, nomeadamente, que a referência ao medo da separação e do fracasso não encontra expressão junto das

crianças.

A este nível verificamos que o medo mais observado pelos educadores em contexto de Jardim de Infância, é o medo do desconhecido e situações novas, não correspondente ao medo mais referido pelas crianças (medo de animais). Em concordância encontra-se a segunda categoria mais mencionada: o medo do imaginário, assim como outros tipos de medo referidos por ambas as amostras (o medo do escuro, de animais e do desconhecido).

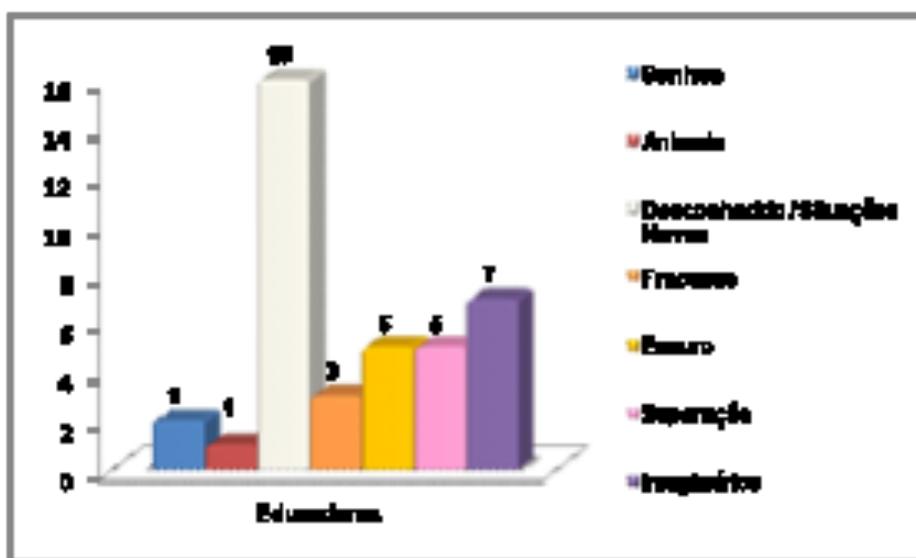


Gráfico 2 – Medos mais observados pelos educadores

Em linha com o objectivo deste estudo referente às concepções dos educadores face ao conceito de medo, constatamos que existe uma clara dificuldade na definição do conceito, sendo comum a toda a amostra a noção de medo como reacção a algo perturbador, nomeadamente ao nível comportamental e fisiológico (Gráfico 3). Não obstante essa dificuldade, o medo é considerado pelos inquiridos como um elemento natural e até mesmo necessário, uma vez que protege a criança de eventuais perigos ao longo do seu desenvolvimento.

Com base nas suas vivências, os educadores referem que as crianças manifestam os seus medos maioritariamente através da expressão oral, havendo igualmente outras formas de expressão, nomeadamente corporal (através do choro ou outras manifestações físicas) e a comportamental (através da rejeição ou retraimento).



Foram também consideradas outras manifestações de medo que assumem um carácter patológico no desenvolvimento da criança, designadamente quando as manifestações de medo assumem uma expressão constante, obsessiva e excessiva, desviante e com dificuldade em ser ultrapassada.

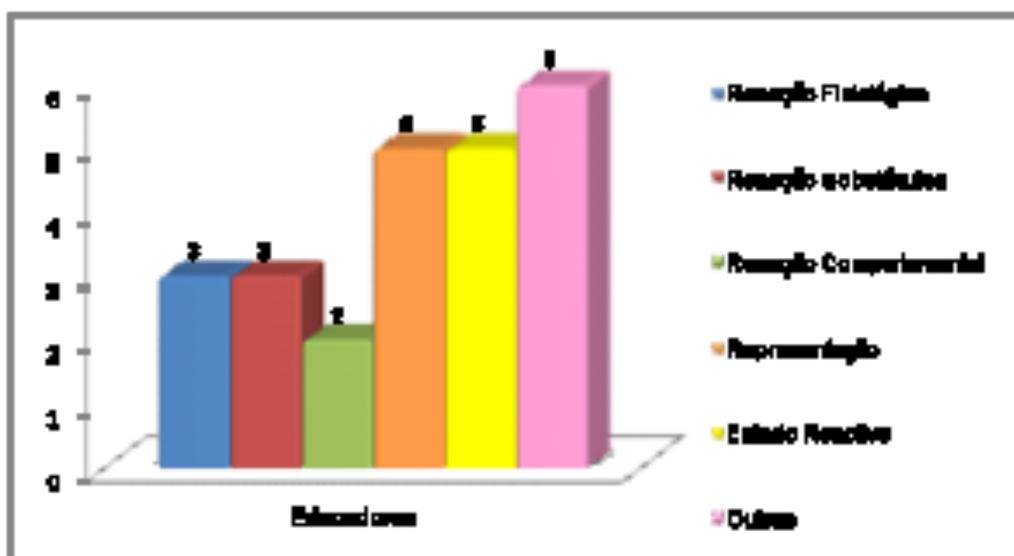


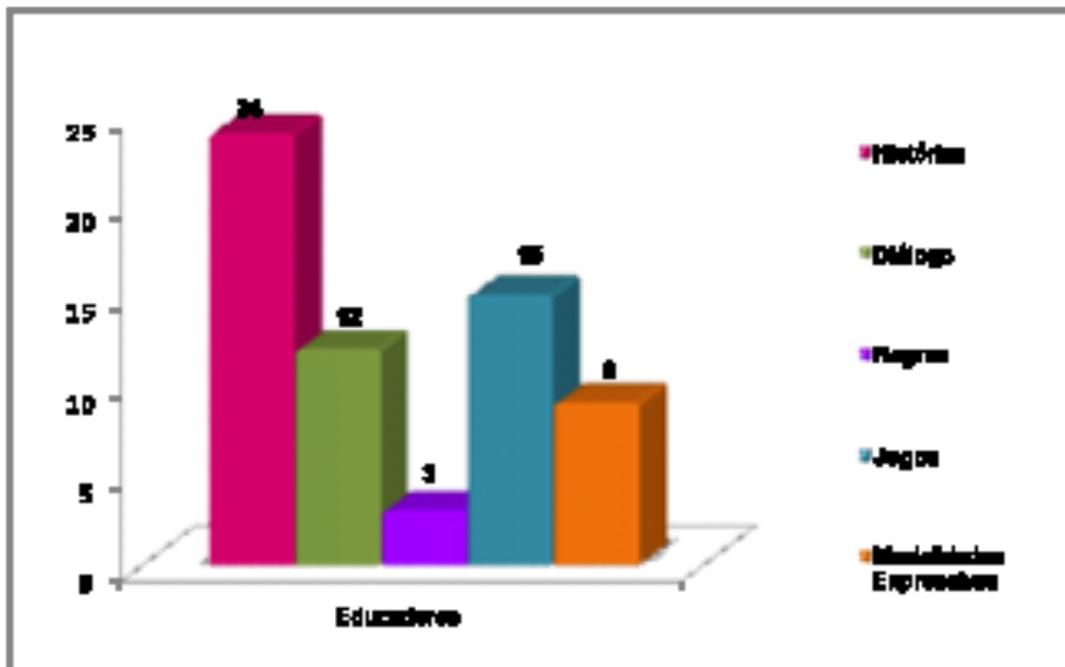
Gráfico 3 – Conceito de medo (educadores de infância)

Ao serem questionados sobre o trabalho desenvolvido neste âmbito junto das crianças, os educadores consideraram-no de grande importância por lhes permitir desmistificar alguns medos que as crianças possam manifestar. Não obstante, alguns educadores reforçam a ideia de que se o medo não se manifestar, não deverá ser trabalhado, justificando que uma eventual acção possa vir a despoletar outros medos nas crianças. Assim, defendem, trabalham estas questões apenas quando os medos se manifestam.

No domínio das estratégias mais utilizadas quando ocorrem situações de medo nas crianças, os educadores referem como estratégia mais utilizada as histórias com recurso a suporte livro (Gráfico 4). Valorizam igualmente os momentos de expressão oral, onde as crianças podem exprimir os seus sentimentos e os jogos, nos domínios das expressões dramática, plástica ou motora.

Estas estratégias são maioritariamente aplicadas de forma individual, permitindo momentos mais particulares com a criança e possibilitando um maior à vontade para a expressão dos seus receios, emoções e ansiedades. Em grande grupo

também são utilizadas algumas estratégias que, não sendo diferenciadas consoante as crianças, são adaptadas em conformidade com as idades do grupo de crianças.



### Considerações Finais

Como síntese final referente aos resultados obtidos, podemos salientar que os medos que as crianças exprimem mais frequentemente se referem ao medo de alguns animais, personagens de contos/histórias da literatura infantil e o medo do escuro.

O medo assume-se pelos educadores como difícil de definir, pela sua complexidade, mas é encarado como um elemento natural do desenvolvimento da criança. É de salientar que no decurso das suas acções, preferem utilizar uma estratégia junto das crianças mais individualizada, aproximando-se dos pressupostos defendidos nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, no sentido em que o educador deve apoiar a sua prática pedagógica de acordo com as especificidades de cada criança, visando o seu desenvolvimento global como futuro cidadão participativo e interventivo numa sociedade.

No âmbito dos medos das crianças, os educadores consideram que o mais comum é o medo do desconhecido/situações novas, como, entre outros, o medo de pessoas estranhas ou a entrada pela primeira vez numa sala de jardim.



A entrada no Jardim de Infância, ou escola, assinala um período de grandes mudanças para a criança. O contacto com uma nova realidade na qual se encontra subjacente a relação com novos espaços, pessoas e rotinas desconhecidas para a criança, pode ser um factor desencadeante de sentimentos de medo e de insegurança.

Ao passarem mais tempo longe dos pais, participando mais activamente noutros sistemas sociais, espera-se das crianças não só que sejam capazes de manter um relacionamento adequado e social com os pares (desconhecidos até então), como também de apresentar resultados em termos de aprendizagem. Ambas as situações acrescem a probabilidade de se vivenciarem sentimentos de medo.

Cabe ao educador e aos pais, auxiliar a criança a integrar estes novos acontecimentos e exigências, e a expandir o seu repertório de estratégias de auto-regulação do medo, estimulando-a positivamente, de modo a permitir o desenvolvimento afirmativo do seu auto-conceito (Collins, Harris & Susman, 1995).

Sendo que a entrada no Jardim de Infância ou na escola é um período-chave para o desenvolvimento do auto-conceito e da percepção de competências sociais por parte da criança, é igualmente verdade que esse desenvolvimento decorre em função do relacionamento com os pares e subsequentes experiências afectivas.

Neste sentido torna-se importante que o educador elabore e planeie estratégias e actividades estimulantes e adequadas ao desenvolvimento das suas crianças, levando-as a reflectir sobre as suas acções, no sentido de identificar as suas próprias capacidades, necessidades e emoções, gerindo e aceitando-as de uma forma positiva e harmoniosa de acordo com o contexto em que se insere (Siraj, 2005). Neste âmbito, torna-se relevante especificar que o papel do educador de infância decorre, claramente, do conceito de “intencionalidade educativa” (Ministério da Educação, 1997) que surge do processo reflexivo de observação, planeamento, acção e avaliação, acções desenvolvidos pelo educador de infância, de forma a adequar a sua prática às necessidades da criança.

Ao nível das estratégias a implementar, sobressai pela revisão de literatura realizada, a importância da literatura infantil como recurso e estratégia face a esta temática, nomeadamente na medida em que as crianças se revêem nas personagens da história ouvida, recriando aqueles momentos, acções e sentimentos na história (Bettelheim, 1980).



Desta forma, e de acordo com Cagneti (1986), cabe ao educador seleccionar as histórias que irá contar às crianças, tendo em conta os valores que pretende desenvolver com as mesmas através das ideias apresentadas nas histórias ou fábulas. “O educador vai precisar de usar toda a sua sensibilidade, tendo em mente que cada situação e ocasião tem aspectos muito particulares” (1986:35-36).

Não obstante a relevância conferida a esta estratégia no dia-a-dia dos educadores, foi possível a partir deste estudo identificar outras estratégias de trabalho, onde se incluem os jogos, o diálogo e actividades no âmbito das áreas de expressão dramática e musical.

Consideramos de igual modo fundamental, salientar a necessidade manifestada pelos educadores no sentido de terem mais informação, formação e materiais, como instrumento de trabalho para o desenvolvimento destas questões. Esta necessidade justifica-se pelo incómodo, mal-estar e inibição que alguns medos causam às crianças.

A partir deste estudo parece-nos evidente que um trabalho realizado no âmbito das emoções pode fornecer contributos importantes para o desenvolvimento da competência emocional das crianças, assim como para o desenvolvimento de competências a nível social e comportamental. A implementação deste tipo de trabalho com as crianças, permite-lhes desenvolver competências de auto-conhecimento (nomeadamente ao nomear, diferenciar e regular as suas emoções e compreender as emoções dos outros), a favor de um mais equilibrado e ajustado funcionamento intra e interpessoal. De acordo com Goleman (1995), são as experiências que a criança terá com os seres humanos adultos, durante os primeiros anos de vida, que vão determinar, em grande parte, o tipo de relacionamento que ela vai estabelecer com as outras pessoas, assim como a sua aprendizagem, no que se refere à expressão da emoção e à ocasião em que determinada emoção é adequada tendo em conta o grupo em que se insere, a idade e a própria cultura do sujeito.

Ao promover na criança a sua competência emocional estamos simultaneamente a ajudá-la a sobreviver, a tornar-se num adulto mais adaptado ao seu ambiente, a alcançar a felicidade e o bem-estar. O adulto, seja ele o educador de infância ou familiar, apresenta-se assim como modelo disponível e adequado para ajudar as crianças a reconhecerem as suas emoções em si e nos outros, a distinguir as acções e situações que as provocam e a estimulá-las a desenvolver estratégias para lidar com os seus estados emocionais.



Neste sentido, o presente estudo procurou contribuir para um melhor conhecimento sobre os medos das crianças e respectivas estratégias utilizadas pelos educadores em contexto pré-escolar. Torna-se importante “olhar” de forma reflexiva para as atitudes tomadas pelos educadores face a situações de medo, reflectir sobre a sua acção e sobre a adequação das estratégias aplicadas. No nosso ponto de vista e de acordo com o estudo realizado, é necessário tomar consciência das funções intrínsecas do medo nas várias áreas do conhecimento humano e a partir delas criar estratégias e procurar recursos para uma melhor aplicabilidade ao contexto educativo pré-escolar.

Considerando que as emoções se apresentam como processos centrais no funcionamento humano, ocupando um lugar de destaque como organizadores no desenvolvimento cerebral e em vários domínios do funcionamento psicológico e social, parece-nos de grande utilidade, em investigações futuras, a procura de um maior aprofundamento no âmbito desta temática junto das próprias crianças, uma vez que, partindo das suas experiências e concepções, os educadores poderão, com maior eficiência, escolher e/ou conceber estratégias mais apropriadas ao grupo de crianças com que trabalham.

### Referências Bibliográficas

- Ades, C. (1993). *Um assunto emocional*. Curso de Psicologia Experimental II. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP.
- Ainsworth, S. (1981). *O Poder Emocional Positivo: Como governar seus sentimentos*. São Paulo: Cultrix.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bettelheim, B. (1980). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Brazelton, T. (2002). *O Grande Livro da Criança*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cagneti, S. (1986). *Livro que te Quero Livre*. Rio de Janeiro: Ática.
- Collins, W. A., Harris, M. L., & Susman, A. (1995). Parenting during middlechildhood. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting*. V. 1 Children and parenting. (pp. 65-90). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Copper-Royer, B. (2007). *Os Medos das Crianças*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental*



- psychopathology and family process. Theory, research and clinical implications.* New York: The Guilford Press.
- Damásio, A. (2000). *O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência.* Mem-Martins: Publicações Europa-América (6<sup>a</sup>. Edição).
- Damásio, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir.* Lisboa: Publicações Europa-América.
- Fridja, N. H. (2004). The psychologists' point of view. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp.59-74). New York: The Guilford Press.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional.* Rio de Janeiro: Objetiva (16<sup>a</sup> edição).
- Hallowell, A.I. (1938). Fear and anxiety as cultural and individual variables in a primitive society. *Journal of Social Psychology*, 9, 25-42.
- Kemper, T. D. (2004). Social models in the explanations of emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp.45-58). New York: The Guilford Press.
- Ministério da Educação (Ed.). (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.
- Morris, R. J., & Kratochwill, T. R. (1983). *Treating children's fears and phobias.* New York: Pergamon Press.
- Oatley, K., & Jenkins, J. M. (2002). *Compreender as emoções.* Lisboa: Instituto Piaget.
- Papalia D., Olds S., & Feldman R. (2001). *O Mundo da Criança.* Lisboa: Mc Graw Hill.
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa prática.* [On-line] Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ponte/docs-pt> [consultado a 30 de Setembro 2007]
- Shore, A. N. (1994). *Affect regulation and the origin of the self: the neurobiology of emotional development.* Hillsdale, NJ: Earlbaum.
- Siraj, I. (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância.* Lisboa: Texto Editores.
- Solomon, R. C. (2004). The philosophy of emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp.3-15). New York: The Guilford Press.
- Strongman, K. T. (1996). *The psychology of emotion. Theories of emotion in perspective.* New York: John Wiley & Sons.